

RELIGIÃO E PATRIA.

PERIODICO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO

RESPONSÁVEL — T. G. DE SOUSA PINTO.

QUINTA FEIRA 18 DE DEZEMBRO DE 1862

RUMERO 8.

1.ª SERIE.

EXPEDIENTE.

A administração d'este periodico participa aos srs. assignantes, que d'hoje em diante podem mandar satisfazer o importe de suas assignaturas, ficando ao arbitrio dos srs. assignantes de fóra do concelho o poder fazer o por vales do correio.

GUIMARÃES 17 DE DEZEMBRO.

Por carta que recebemos de Macau sabemos que o movimento religioso d'aquella terra e o progresso que alli vai fazendo a luz do Evangelho é muito para satisfazer e alegrar o espirito dos fiéis.

Os padres que ha mezes sahiram de Portugal para lá se occupar m do ensino d'á cathedra, e entre os quaes contamos com muita gloria para nós e para esta nossa terra de Guimarães o nosso illustre e virtuoso amigo padre Mattos, t'è n visto crescer de dia para dia o numero de seus alumnos que até do Siao e de Hong-kong — colonia ingleza — têm concorrido ao seminario de S. José para aprenderem da palavra e das virtudes dos nossos padres o caminho da verdadeira civilização e o da bemaventurança em Jesus Christo nosso divino Salvador: têm confessado muitos centenares de pessoas: têm-se esforçado por augmentar a conversão dos chinas, e por melhorar a condição dos já christãos, que n'aquella cidade são perto de mil.

A sua pequena igreja que era uma miseria antes da chegada dos nossos padres, está hoje muito bonita, e já se cuida em levantar uma nova, e muito mais ampla. Trata-se igualmente de estabelecer um orpha-

nantropico para o que, ha já bastantes meios obtidos da caridade de diversos fiéis, especialmente de algumas senhoras mui zelosas.

A Associação catholica dividida em duas sessões de homens e senhoras, fundada pelo padre Rondina á qual, o governador, certamente, por causa do susto que lhe causaram as ultimas noticias de Portugal, não quiz dar a sua approvação, não obstante o ser esta associação constituida pelas pessoas principaes d'aquella colonia, tem já distribuido bastantes esmolas, projectado e dado principio a diversas obras grandiosas de caridade e utilidade publica, como são — Montepio, escolas para os chinas, pagãos etc.

Os associados reúnem-se no Seminario de S. José, e em todas as reuniões geraes ha uma bolsa semi-aberta em que cada um lança occultamente a esmola que deseja dar. O producto de cada uma d'estas reuniões é, ordinariamente, de 81 a 100\$000 réis.

Nas reuniões das senhoras faz-se o mesmo. Estas porém, projectaram um basar em que se espera colher alguns contos de réis, segundo o costume n'aquellas partes.

O governador conseguiu em Pekin, aonde tinha ido como embaixador, a completa liberdade de Macau e quando regressou d'aquella cidade, apenas chegou a terra, veio visitar o Seminario, onde foi recebido com hymnos e musica, e no meio das raias vivas e espontaneas demonstrações de contentamento, pelos seminarios.

Tal foi este dia e tal a impressão que d'elle recebeu que não pôde conter-se que não dissesse publicamente, haver sido elle o da maior alegria que tinha sentido d'ha 13 ou 14 annos que está em Macau.

E' este governador um homem de subido merito: os inglezes consultam-no e têm-no pelo mais fino diplomatico que vive do Cabo da Boa Esperança para lá.

Falla muito com os nossos padres e pede-lhes que mandem ir mais gente.

Pedido inutil, na verdade, se esta gente houvesse de ir de Portugal! que não é pela não haver, eremos nós.

Aqui como em todos os paizes onde uma faísca de christianismo se conservar accesa, ha de haver d'estas almas que, por extremo caridosas e dedicadas ao

sacrificio, se desprendem dos mimos da patria, dos braços dos parentes, das lagrimas dos amigos, e do agasalho e delicias do lar domestico — testamoha purgada de suas alegrias da infancia, para ir mar em fóra, arrostando perigos de dilatadas viagens e soffrendo a intemperie de outros climas, evangelisar gentios ao sol de paizes inhospitos e desconhecidos, privar-se de todos os regalos e commodidades da vida, viver só de cruz e de trabalhos e finar-se, e horror talvez ás mãos d'aquelles a quem levam a salvação e a vida. Por certo que ha de haver aqui d'estas almas generosissimas, escolhidas para o sacrificio e para os grandes heroismos do apostolado, mas não dá com ellas o paiz porque anda muito distraído e não tem tempo de procural-as, nem de aproveitá-las, nem de occupar-se d'ellas, nem de dar-lhes uma casa onde se eduquem e manifestem suas vocações; não pôde fazer agora nada d'isto, porque não é de almas que se trata, é de corpos, e estes são muito exigentes e todo o tempo lhes parece pouco.

As nações, como dizia Victor Hugo, não são grandes pela extensão do seu territorio, mas pela sabedoria das suas leis, e pela grandeza da sua civilização.

Quando a religião Sancta de Jesus Christo, presidia ás determinações dos nossos homens d'estado, e quando estes, animados d'uma fé vivissima, timbravam em dar á mesma religião o maior esplendor compativel com as necessidades politicas d'estado, nós eramos uma nação grande, não pela extensão do nosso territorio, mas pela invejavel posição que occupavamos no mappa da nações, pela superioridade da nossa litteratura, e pela vastidão de nossas relações commerciaes. Eramos uma nação grande, rica, feliz, e independente.

Hoje porém titudou-se a face ás coisas, e da grandeza, que tivemos, resta só a memoria nas paginas gloriosas da nossa historia.

A independencia d'um povo não está só em ser uma nação persi subsistente e distincta, mas em estar livre de encargos onerosos, cujo difficil cumprimento a faça depeçder d'outras nações. — Huma nação pôde comparar-se á familia, da qual tira o seu mo-

FOLHETIM.

AVISOS A' MOÇIDADE.

(Continuado do n.º 6)

Bom tempo era aquelle em que se podia dizer sem receio — a Igreja pertence decretar — ao poder civil proteger, defender e auxiliar a execução dos Canones e providencias ecclesiasticas.

Havia então paz no centro das familias, na cidade e no campo; mas os tempos mudaram, e hoje é maxima seguida pelos nossos illuminados que ao poder civil pertence decretar sem restricção, e a Igreja obedecer: eis o effeito do individualismo, ou do racionalismo tão decantado nas diferentes epochas do mundo. Não se diga que cada um dos poderes tem as suas raias, porque quando o poder civil se faz juiz competente para marcar a alçada de cada um dos poderes sempre aquelle ficará dependente d'este, e este em vez de defensor, como lhe cumpre, se tornará em oppressor. E na verdade quando nós vemos levantarem-se vozes no meio das nossas assembléas nacionaes, e dizerem

as turbas que o Evangelho é opposto á liberdade dos povos, que mais será necessario para nos fazer persuadir que se pretende pôr a Igreja debaixo da tutela do poder civil? que mais será preciso para nos persuadirmos que, os nossos espiritos fortes, com o seu racionalismo, andam ahí suffocando a voz da Igreja unica mestra da verdade? E serão estes os philantropos da humanidade? Os mestres, iniciados na philosophia racional, disseram algumas vezes (porque tambem algumas vezes a verdade sae da bocca de um mentiroso) que o homem sem religião não pôde ser bom cidadão, os discipulos dizem hoje que não se pôde ser amante e defensor da liberdade sendo amante e defensor da religião! E o certo é que uns e outros dizem a verdade. Estas duas entidades são hidrogenias — não se podem unir. São duas plantas que não podem fructificar uma ao pé da outra, porque uma é symbolo de sacrificio, a outra symbolo de sensualidade, e de regalos. E' por esta razão que a guerra contra a Igreja, contra o Evangelho, e contra os seus ministros se tem entretido entre nós, vai progredindo espantosamente. E' por isso que o deismo dos antigos corifeus tem revivido em nossos dias. E' finalmente

por causa da sensualidade e do orgulho que se pede um livre culto; porque o racionalista diz que a religião é um acto do coração, e que cada um deve amar ao seu Creador conforme a sua razão lhe dictar, porque é, a razão, a guia unica que Deus nos deu para nos governarmos. D'aqui já se vê que não será difficil vermos entre nós reverenciados esses deuses dos Egypcios de que falla Juvenal. Este povo adorava os seus alhos e as suas cebolas, e Juvenal chacoteando, no meio d'elles, diz — O nação santa que vos uascer os seus deuses pelo meio de tuas hortas. Syneca não conheceu menos o ridiculo do livre pensar ou do livre culto, quando diz — Se nós nos sujeitamos ao culto de muitos deuses e adoramos essa tropa de seres vãos, que os tempos e a malvadez tem produzido entre nós, isto não é senão por condescendemos com os erros populares!

Mudaram-se os tempos, e hoje poder-se-ha dizer, que somos obrigados a condescender com os erros dos illuminados — se fóra possivel tal condescendencia. Pois, na verdade que differença haverá em imaginar diversos cultos para um só Deus, ou muitos Deuses para um só culto? Comtudo os nossos ratio-

dolo. A familia é independente, quando não tem contrahido dividas, que humilhem a sua dignidade, e quando, pela sua economia, tem meios de que dispor em qualquer eventualidade.

E realisará o nosso paiz estas condições, que constituem a verdadeira independencia de um povo?

— Não bastava a enorme divida externa, que ameaçava devorar-nos; o governo contrahiu um novo emprestimo de 22.500.000, depois de, pela lei da desamortisação, ter posto em praça os bens da igreja portugueza, que ainda restavam! E não só não remediou com esta somma as necessidades da casa, mas fez desperdícios indesculpaveis, dando libras sem conta para afastar de si o homem de quem se temia!

Que fraqueza, ou que generosidade á custa alheia! . . .

Por mais avisados que sejam os conselhos, que a imprensa livre e independente dê ao governo, não faz caso d'elles: os desperdícios sobem de ponto; a palavra «economia» não é alli conhecida; e a independencia de Portugal lá vae, lá vae a sua grandeza e a sua felicidade.

É natural que o creado imite os costumes do amo para atrahir o seu agrado, ou que o devedor se dobre á vontade do credôr para lhe ganhar as boas graças. Pois bem: Portugal gosta tanto da Inglaterra, que a vai fielmente imitando em tudo. A religião que ali domina n'este desgraçado paiz, supposto na apparencia seja o Catholicismo, é de facto o Protestantismo. A propaganda protestante não descança, e todos os dias recruta novos soldados. Tirar o pão aos padres catholicos, deprimir o culto, e fazer cessar a auctoridade dos Bispos, é o alvo, onde apontam os tiros da propaganda; e como não podem propagar a sua religião pelo amor, porque d'amor é vasia, empenham-se a propagal-a pelo ouro.

E infelizmente o ouro e o prazer tem seduzido grande parte dos nossos homens illustres!

E o governo não tem uma palavra para reprimir estes excessos; tem só o silencio mais reprehensivel para permittir o mal, e tolher o passo ao bem. — Não é isto ser progressista, porque o progresso consiste essencialmente em dar toda a liberdade ao bem, e em reprimir o mal; e o governo tem feito o contrario e tem por consequente embargado o passo ao verdadeiro progresso.

O governo pareceu ter auctoridade para reprimir com altivez os suppostos abusos do pulpito; para obrigar pela fome o cabido de Vizeu a cuspir o direito canonico; para mandar suspender os padres, que ousarem negar a absolvição aos compradores dos bens da Igreja; para enfim mandar intimar uma velha freira para sahir de sua casa e coagil-a a ir para casa alheia contra a sua vontade. . .

Oxalá que não tiveramos a fazer estas exprobrações ao governo, e que pelo contrario nos vissemos obrigados a dispensar-lhe louvores! Temos sempre manifestado que não somos hostis ao governo por devoção; quizeramos antes ter que applaudir, e que o governo nos atrahisse pelos seus factos, porque d'outro modo não terá nunca o nosso apoio.

nalistas com os seus discursos pomposos ali vão amarrando, ao carro da sua tyrannia, essa mocidade inexperiente — entibiando-lhe a sua fé e assassinando a sociedade que está acalentando no seu seio essas vivoras venenosas que tem jurado a destruição do genero humano.

Nós não precisamos hoje da auctoridade de Seneca, nem da de um escriptor do seculo passado, para dizermos, com aquelle, que a oração ou discurso que tem muito artificio indica que o seu auctor não é sincero, ou, com o segundo que o amor das sciencias tem enfeitado a soberba humana; não precisamos d'estas auctoridades respeitaveis: a experiencia faz-nos palpaveis estas verdades — tristes e muito tristes.

Todo o homem quer passar por sabio, mas são poucos aquelles que procuram a sciencia na sua verdadeira fonte. E d'aqui nasce o extravio da razão. Para occultarem pois a pobreza do seu espirito n'aquillo que mais lhe convinha aprender, enfeitam os seus discursos com o colorido de uma lingoagem pomposa, e cheia de artificios de uma eloquencia satanica; e ali vai o homem da sciencia traficando com a consciencia dos povos, e roubando-lhe todo o cabedal da sua fé.

Continúa a dizer-se que vão ser dissolvidas as camaras logo que sejam reunidas. Não sabemos até que ponto são verdadeiros estes boatos; nem tão pouco podemos attingir a razão de conveniencia que fará determinar o actual ministerio a adoptar esta medida. O tempo está encarregado de nos informar a verdade, e explicar a razão de tudo. Mas, se o governo, como se viu na votação de encerramento, tem a maioria na camara electiva, e vai proceder, segundo o *Commercio do Porto* d'hontem, á creação de novos Pares, que necessidade o obriga a dissolver as côrtes, para se expor a perder as eleições talvez em todo o paiz, porque todo o paiz lhe é hostil? Pela nossa parte estamos inclinados a crer, que estes boatos são destituídos de fundamento. No entanto já se acha formado em Lisboa o centro eleitoral regenerador, e nomeada uma grande commissão para dirigir os trabalhos eleitoraes no reino, que se compõe dos seguintes individuos: Aguiar, Fontes, Sebastião de Carvalho, conde de Peniche, Martens Ferrão, Vicente Novaes, Rodrigues Sampaio, Eugenio de Almeida Antonio de Serpa, Ramiro Coutinho, Salvador da França, conde de Mello, José Maria d'Abreu, Casal Ribeiro, Serzedello Junior, marquez das Minas, marquez de Alvito, Nogueira Soares, Teixeira de Vasconcelos.

Neste concelho tambem já se trabalha com grande actividade, pedindo-se votos, projectando-se reuniões, dispendo-se e preparando-se os partidos para a campanha eleitoral.

Póde ser que os nossos calculos não sejam exactos e n'esse caso, como não fazemos opposição accitiosa ao governo, nem tão pouco somos ministeriaes, lembremos aos electores, que da sua eleição depende o futuro de Portugal; que façam portanto recahir seus votos em individuos, que prezem primeiro que tudo a honra, a gloria e o bem do paiz; individuos que por suas qualidades intellectuaes e moraes lhe offereçam a segura garantia de que, tomando parte nas discussões e votações parlamentares, se não deixarão dominar pelas paixões partidarias, arrastar pelos interesses particulares, e seduzir por vãs promessas.

Assim cumprirão conscienciosamente o seu dever e prestarão á patria o maior serviço.

Segundo o *Barcellense*, confirma-se a noticia de que o sr. Salamanca propoz ao governo a continuação do caminho de ferro do norte para Vigo, segundo o traçado que fôr mais conveniente em relação ás condições technicas e economicas, e bem assim a continuação do do Porto á R. goa.

Votamos sempre por todos os melhoramentos materiaes do paiz, principalmente por aquelles que nos podem facilitar e engrandecer o commercio. Julgamos ser de muita utilidade a continuação d'esta via ferrea, contanto que se faça com a maior economia possivel, e não sirva de pretexto para se desperdigarem grandes sommas, porque n'este caso perde a nação, em lugar de aproveitar.

— o melhor e o unico thesouro que herdou dos seus passados — o unico com que póde comprar a felicidade d'esta vida, e o reino eterno. Já que tocamos de passagem a pretensão do livre culto, perguntaremos, com um prelado dos nossos dias, — para que se pede esse culto livre? é para amar a Deus? mas se o não amardes? então pedis liberdade para o blasfemar? e é isso o que deve ser?

Livres pensadores, litteratos do seculo XIX, fazendeiros e administradores da propriedade publica, que fructos tendes recolhido no celloiro esperançoso da triste e definhada humanidade?

Vós lançastes á terra essas sementes lisongeiras, que pela sua novidade, ainda que estranhas ás nossas crenças, e aos usos dos nossos passados, enfeitaram o nosso coração, e surprehenderam o nosso espirito! Que é feito pois de tantas observações — de tantas experiencias mil vezes repetidas no corpo social d'este malfadado reino? Não será ainda tempo de fazerdes uma pausa na carreira da vossa vida, e deixar o trilho d'esse paiz das chim-ras por onde tendes andado sem attenderes ás relações de familia, ao amor da patria, ao amor da religião? Não escutais o grito que

Está entre nós o illm.^o sr. Manoel d'Almeida Ribeiro, habil engenheiro civil, formado nas escolas de pontes e calçadas, em Pariz. S. s.^o chegou na segunda feira pela meia noite, e vem, pelo que nos consta, fazer o levantamento da planta da rua de Entre-os-Regatos, para projectar o seu alargamento e reformas.

Folgamos que a illm.^o camara procurasse um individuo apto, como o sr. Almeida Ribeiro, para realisar aquelle pensamento; mas seja-nos licito emitir a nossa opinião sobre este objecto.

É de primeira intuição, que a rua de Entre-os-Regatos se não presta a um concerto e melhora-mento, que a ponha nas condições que requer a boa e facil viação e o aformoseamento da cidade, sem que se gaste com ella para mais de 20 ou 30 contos de reis, quantia esta que o municipio não póde, nem de certo vai dispendir no concerto que se projecta.

Se pois com o que se vai gastar no melhoramento d'esta rua não póde ella ficar como deveria, nem corresponder ás necessidades do transitto facil e desembaraçado, entendemos, que seria de maior utilidade, e de certo muito mais do agrado da maioria da população d'esta cidade, abrir-se uma nova rua directa e com todas estas condições, a principiar em S. Lasaro, e a introncar com a Rua Nova das Oliveiras. Seria aqui diminutissima a expropriação, e ficaria uma rua com todas as condições de poder vir a ser uma das principaes de Guimarães.

Não queremos contudo dizer com isto que se não trate de melhorar quanto for possivel a rua de Entre os Regatos, mas entendemos que a avultadissima somma que de certo se tem de gastar para a pôr em bom estado, deveria ser devidida para a factura da nova rua, que aponiamos, e que de certo é muito menos dispendiosa.

Voltaremos ao assumpto.

CORRESPONDENCIA.

Sr. Redactor

Pego a v. a inserção da seguinte declaração no seu periodico:

A redacção do *Vimaranense* declina de si toda a responsabilidade da local inserta no numero 64 do mesmo periodico com a epigraphe = *Procição* = por quanto foi publicada sem a mesma redacção ser sabedora.

De v. etc.

Julio Pinto Monteiro Girão.

Guimarães 17 de Dezembro de 1862.

REVISTA DOS JORNAES.

EXTERIOR

Italia. — O marechal duque de Saldanha, embaixador de Portugal, junto á Santa Sé, foi recebido por sua Santidade em Roma no dia 27 do mez passado.

se está repetindo em todos os angulos da terra? não vedes a confusão nas massas? não presentis que sobre vós e sobre nós pèsa um cèu sombrio, e melancholico? não tendes ainda a consciencia ralada por tantos infortunios que tem vindo sobre o genero humano? Será forçoso que appareça um Raynal com os seus 86 annos de idade, e que vos falle como fallou perante a assembléa Nacional da França em 91? Porém tambem alli as suas vozes soaram no deserto! E como as mesmas causas produzem os mesmos effeitos, que esperança podemos ter! Sem duvida que, se a fé nos não animara, teriamos de succumbir; mas se as orações de um Pedro, e de um Paulo fizeram precipitar do alto a um Simão — o Magico — que, para illudir a multidão, se elevou ás nuvens, inculcando-se por Deus e por Christo, estas mesmas orações repetidas hoje por corações fervorosos, farão cahir por terra esses athlectas do materialismo, e sensualismo, que se quere a elevar ao Ceu para disputarem a Deus a sua omni-scencia, e deprimirem o seu poder. Se tivermos tempo desenvolveremos ainda os seus systemas; por hoje ficaremos por aqui.

As notícias continuam a dar aquella cidade no gozo da mais perfeita tranquillidade, assim como todo o restante territorio actualmente sujeito ao governo pontificio. Sua Santidade passeia com ani no sereno e tranquillo pelo meio de seus filhos que o recebem com signaes evidentes de sympathia e veneração. Esta noticia é tanto mais satisfactoria para os que prezam a ordem e nutrem sentimentos de verdadeiros catholicos, quanto é lamentavel o estado das outras partes da Italia, aonde não hi socego e até se praticam actos de verdadeira selvageria.

Havia em Roma grande confiança nas palavras do imperador Napoleão, por este ter resolvido não se tornar a tratar da questão da evacuação de Roma em quanto for vivo o actual summo Pontifice.

Tambem se d.z. que o governo francez aconselhara ao governo pontificio a fazer algumas reformas e que este se propunha a fazelas.

O aspecto que actualmente apresenta o territorio napolitano é sobre maneira gravissimo. Segundo as ultimas noticias, a anarchia e a desgraça são geraes n'aquella parte da Italia. Os partidarios de Francisco II augmentam cada vez mais. O exercito piemontez não ousa aventurar-se fóra de Napoles, e está profundamente desanimado. No entanto continuam a empregar-se medidas de rigor de toda a especie. Em Napoles havia grande agitação.

REVISTA NOTICIOSA.

S. Nicolau. — Não flemos no passado numero d'este seminario, como t'nhamos promettido, a noticia do brinquedo escolastico, que teve logar nos dias 5 e 6 do corrente, porque nos foi preciso dar logar a outras materias; vamos porém hoje fazel-o, ainda que não muito a tempo. Esta festa é privativa dos estudantes d'esta cidade e de todos aquelles, que tendo-o sido, não têm t'mido estado de casados, nem seguem outra confissão se não a das letras.

No dia 29 do passado, veio, como já noticiamos, o pinheiro, que tinha de servir para n'ello se hastear a bandeira es-olastica. Foi trazido para o Toural pelos mesmos estudantes, acompanhado de grande numero de tambores, e de musica. Nas madrugadas a seguir d'esde este dia, até ao dia 5 do corrente foram os estudantes como é de costume, á Senhora da Conceição assistir ás novenas.

Na noite do dia 4 para 5, foram á rua da Cruz da Pedra, como tambem é costume, exigir a posse um forçado de matto a cada um dos oleiros da mesma rua, que todos dão, e mandam para o Toural por um seu operario. E' da etiqueta, que á porta de cada oleiro se toqu'um p'ça de musica, porque sem isto não se dá o matto.

Este matto serve para se fazer um magusto no meio do Toural, onde se distribuem aos circunstantes castanhas e vinho.

Feito isto, seguiram ás restantes posses, que têm a colher n'esta noite.

A primeira é a S. Damas, onde um albardeiro dá todos os annos um pequeno açafate de boas uvas brancas.

Este anno houve n'esta mesma rua uma nova posse em casa do sr. Antonio José Pereira Martins, boticario.

D'aqui seguiram á praça da Oliveira a casa do digno professor de latin, que tambem todos os annos distribue aos seus discipulos doce e licôr.

Depois percorreram as ruas da cidade com a musica na frente tocando o hymno escolastico, até romper a manhã.

No dia 5, pelo meio dia, sahiu o bando, que annunciava a festa do dia seguinte. O bando foi feito pelo sr. Mendes d'Abreu e recitado pelo sr. Domingos Ribeiro da Costa Sampaio.

No dia 6 pela manhã foi a renda em St.º Estevão d'Urgeses.

E' o simile da recepção d'um fóro, que foi deixado á classe escolastica vimaranense por um conego da Collegiada d'esta cidade, mas que acabou pela extinção dos dizimos; pelo que os estudantes, para conservarem os usos tradicionais de seus passados costumes cotisar-se para comprarem os objectos que lhes davam out'ora e distribuem-nos entre si. Reviveu est'anno o já quasi obliterado uso de, na vinda de St.º Estevão serem pelos estudantes offerecidas ás damas as maçãs e astanhas, que são distribuidas na renda. Nos annos

passados apenas um ou outro mais affecto á antiga usança, e talvez preso pelo coração ao delicado sexo feminino, sahia a fazer lembrar este antigo costume: Estê d'ando porém percorreram as ruas da cidade mais da 3.ª estalantes, todos soberbamente montados, com a musica na frente, distribuindo á porfia pelas gentis da terra a pequena mas valiosa offrenda.

De tarde sahiram dois bailes, e algumas chistosas exhibições, que se demoraram até alta noite.

Tal foi este anno o muito celebre folguedo escolastico, que se no passado anno se não fez, attendendo aos lugubres acontecimentos, que enlutaram o paiz e o paço dos nossos reis, esta anno fez-se de tal arte, que nos aventuramos a augurar-lhe para o futuro novos esplendôres, e pompas.

Pedido. — Os habitantes da rua Escura queixam-se d'um mau cheiro, que continuamente os incommoda, e que provem do cano, onde vão ter os despejos das casas da mesma rua. Pedimos pois ao ill.º sr. Fiscal da camara, que tome em consideração aquellas queixas, dando as providencias necessarias para se obstar áquelle incommodo.

Festividade. — Festejou-se sabbado na sua capelinha e domingo na igreja de S. Damaso a imagem de Santa Luzia com toda a pompa e magnificencia. Orou o nosso amigo padre Abreu, e depois sahiu uma vistosa procissão, acompanhada d'um grande numero de fises.

Busca. — As autoridades judiciaes e administrativas foram sabbado proceder a uma minuciosa busca em casa do panteiro José Aleixo, onde foi feito o assassinato que noticiamos no passado numero. D'esta busca resultou achar-se no pogo um p'chal, com que se julga ter sido assassinado o tamanheiro, e debaixo da cama um chapô, que se julga ser o do morto.

Insurreição. — No dia da distribuição dos premios, que todos os annos costuma ser a 8 do corrente, a academia de Coimbra insurreccionou-se, dando vivas á independencia e liberdade academica, e morras ao reitor da Universidade.

Sobre este acontecimento lê-se n'uma correspondencia de Coimbra para o Districto d'Aceiro o seguinte:

«Hoje teve lugar na capella da universidade a festa de Nossa Senhora da Conceição, com a solemnidade costumada. Assistiu o corpo cathedratico e a academia. Orôu o sr. dr. Motta Veigá, que agradou muito.

«Em seguida a esta solemnidade religiosa, o corpo cathedratico, com o sr. reitor á sua frente, dirigiu-se á sala dos capellos seguido da academia para se procederem á distribuição dos premios, que todos os annos se faz n'este dia. Ahí, feita a chamada dos estudantes premiados, o sr. dr. Augusto Barjona pronunciou um brilhante discurso adequado ao acto, a que se estava procedendo. O sr. dr. Barjona foi escutado com a attenção, a que lhe são inquestionavel direito o seu talento transcendente, e excellentes qualidades pessoas. Depois do sr. Barjona tomou a palavra o sr. reitor. Apenas, porém, s. ex.º principiou a fallar, a academia começou a abandonar a sala; por toda a parte se ouvia grande sussurro, e muitos academicos levantaram o grito de — viva a academia independente! viva a liberdade! — Dentro em pouco só alli ficaram as pessoas que não podiam deixar de ficar. Quando findou a cerimonia, saíram o sr. reitor e o corpo cathedratico, novos e mais est'ondosos gritos se levantaram d'entre os academicos. Esses gritos, que se ouviam a grande distancia, diziam: — viva a liberdade academica! abaixo o despotismo reitoral! morra o reitor!

Concilio maçonico. — Está convocado para Turin um concilio franco-mação. Os jornaes belgas vêem n'esta grande rennião um signal de tempestades politicas.

Aniversario natalicio. — Por falta d'espaco não demos no n.º antecedente a noticia, de que foi no dia 4 do corrente o anniversario natalicio da ex.ª sr.ª Conl'essa de Villa Pouca — mãe. Por este motivo vieram xpressamente felicital-a os seus exm.ºs filhos, que estavam no Porto, e houve um abundante e variadissimo jantar a que assistiram alguns amigos d'aquella illustre casa. A noite não houve soirée, mas a philarmonica d'esta cidade, sabendo que n'este dia fazia annos a sr.ª Condessa, foi lá tocar-lhe algumas peças.

Desabamento. — Na noite de segunda para terça feira, desabaram para dentro as paredes e soalhos da casa onde estava a adega do Hotel Vimaransense. Fe-

lizmente não estava ninguem na casa, e por isso não houve desgraças a lamentar.

Protecção real. — Por alvará de 27 de Novembro do corrente anno houve por bem sua Magestade El-Rei o Sr. D. Luiz declarar-se protector do hospital da Veneravel Ordem 3.ª de S. Domingos, d'esta cidade.

Ao sr. Visconde de Santa Luzia, dignissimo prior da mesma Veneravel Ordem cabe a principal parte no conseguimento d'esta honorifica prerogativa, porque foi s. ex.º que empenhou o seu valimento para o alcance d'ella. O sr. Visconde tem sido inextinguivel na promoção de beneficios e melhoramentos uteis para esta O. lem, não poupando nunca esforços e trabalhos para a vêr florir e melhorar; e este ultimo beneficio por elle prestado a ella, é tanto mais para agradecer, quanto é certo que todas as despezas adjunctas a esta pretensão foram feitas á custa de s. ex.º, sem o menor encargo para a Ordem.

Registamos sempre com prazer as acções dignas de louvor; mas registamos esta com prazer intensissimo, porque vemos n'ella um nobre testemunho d'amor pelo engrandecimento d'esta terra.

Damos em seguida a copia do alvará, a que alludimos. — Ministerio do Reino. — Eu El-Rei Faço saber aos que este Meu alvará virem, que attendendo ao que Me foi representado pela Veneravel Ordem 3.ª da Milicia de Jesus Christo e Penitencia de S. Domingos da cidade de Guimarães; — vistos os piedosos e humanitarios fins do seu compromisso, entre os quaes se comprehende a instituição de um hospital para asylo e amparo dos irmãos necessitados da mencionada Ordem, estabelecimento este á que S. Magestade a Rainha a Sr.ª D. Maria 2.ª Minha muito Amada e Prezada Mãe, de saudosissima memoria, conferira a Sua Real Protecção; — e conformando-Me com a informação do Governador Civil do districto de Braga; fundada no bom estado em que se acha a administração d'aquella Ordem: Hei por bem e me apraz declarar-Me Protector do hospital da mesma Veneravel Ordem 3.ª da Milicia de Jesus Christo e Penitencia de S. Domingos da cidade de Guimarães.

E para que assim fique constando authenticamente no archivo da referida Ordem, e affirm de que esta Real Mercê possa surtir todos os seus effeitos, se passou o presente alvará. Pagou de direitos de Mercê e additionaes a quantia de 125320 rs. como constou d'um recibo de talão n.º 440, passado, em 12 de Novembro corrente na direcção geral da thesouraria do ministerio da Fazenda, e de um conhecimento em forma n.º 1812, passado em 12 d'este mez na recebedoria da receita eventual — Dado no Palacio da Ajuda em 27 de novembro de 1882 — Eu-REI — *Anselmo José Braamcamp*.

Boulette de Pio IX. — A revista franceza, intitulada — «Mundo Judicial» —, refere como historico o seguinte:

— «O filho d'um proprietario romano apresentou-se a Pio IX, lamentando que seu pai tivesse legado a meta de dos seus haveres, uns 405000 francos, no sacerdote a celebrar missa em certa igreja. O Santo Padre, compadecido d'aquella joven, arbitrou um meio pelo qual l'hesse comprida a vontade do defuncto sem prejudicar os interesses do herdeiro, e com effeito ao amanhecer do dia assigalado se dirigiu á indicada igreja, celebrou alli a primeira missa, e ganhou d'este modo os 40000 francos, que celeu generosamente ao atribulado herdeiro.»

AGRADECIMENTO.

FRANCISCO José Ribeiro Guimarães, não podendo agradecer pessoalmente a todos os snrs. que o visitaram na occasião do seu incommodo na saude, o faz por este meio, protestando-lhes a sua gratidão. (1)

Francisco José da Costa, ourives d'esta cidade, agradece por esta via, não lhe sendo possivel por enquanto fazel-o de outro modo, a todos os snrs. que por occasião do fallecimento de sua prezada mulher Antonia Maria da Costa lhe assistiram, bem como ao funeral, e lhe fizeram e offereceram seus serviços, protestando a eterna gratidão. (2)

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

O PROGRESSO

PELO

CHRISTIANISMO

CONFERENCIAS RECITADAS NO TEMPLO

DE

NOSSA SENHORA DE PARIZ

PELO REVERENDO PADRE PELIX

DA

COMPANHIA DE JESUS

VERTIDAS EM PORTUGUEZ

POR

M. F. Correia da Silva

Publicaram-se as Conferencias do anno de 1862
Preço para os srs. Assignantes da *Fé Catholica*
(um exemplar) 360
Avulso 500

Tendo a empresa da *Fé Catholica* re-olvido publicar todas as Conferencias do mesmo Reverendo Padre recitadas nos annos de 1856, 57, 58, 59, 60 e 61 para o que já estão no prelo as de 1861, re-be desde já assignaturas com pagamento adiantado, pela maneira seguinte:

Para os srs. Assignantes da *Fé Catholica* (toda a collecção) 25500
Avulso (antes da publicação) 35000
Depois de publicado (cada volume) 500

Os srs. Assignantes da *Fé Catholica* que já tenham assignado e pago as Conferencias de 1862, só têm a remetter para toda a collecção, a quantia de 25160 rs.

Toda a remessa para as provincias é feita por conta da empresa, e só aos volumes completos e bruxados.

A remessa do dinheiro poderá ser feita por meio de valles do correio ao sr. Antonio Joaquim do Vadre Manique, escriptorio da *Fé Catholica* rua da Encarnação n.º 20 Lisboa.

ARCHIVO JURIDICO.

PUBLICAÇÃO REGULAR DA LEGISLAÇÃO DE MAIS INTERES F TANTO ANTIGA COMO MODERNA

EDITOR — J. L. DE SOUSA

Publicou-se o n.º 15 da 2.ª serie que contém:

Legislação sobre execuções fiscaes administrativas por tributos — e judiciais por fóros, censos e pensões, ou juros de capitães pertencentes á fazenda nacional

Vende-se e assigna-se no Porto na rua do Bomjardim n.º 69, defronte da viella da Netta, aonde se encontram collecções completas da 1.ª e 2.ª series do *Archivo Juridico*, comprehendendo a 2.ª serie a seguinte legislação especial — Lei da Desamortisação; Lei do Sello; de Transmissão; Lei do Registro; Lei da Contribuição Pessoal; Lei da Contribuição Industrial; Lei da Contribuição Predial; Lei dos Jurados, lei que regula a distribuição dos processos aos escrivães. Lei que altera a Reforma Judiciaria. Lei que concede serventurias aos escrivães, tabeliães e recebedores; Lei e regulamento do Registro Parochial; Regulamento dos Lyceus — Exames de habilitação — Instruções para estes exames; Alterações na ormação das matrizes — Instruções do processo das

cauções — Ordem aos escrivães de fazenda para deixarem de receber 50 rs. (a titulo de emolumentos) de cada documento que sellarem — Lei dos aggravos; Legislação sobre expropriações.

Vende-se tambem nas principaes livrarias de Lisboa, Coimbra, Braga e Vianna.

Toda esta legislação é seguida dos respectivos regulamentos, e vende-se em brochuras separadas.

N. B. Cada n.º do *Archivo Juridico* custa a módica quantia de 120 rs. enviado franco de porte para as provincias.

O *Archivo* troca com todos os jornaes políticos e litterarios, e annuncia todas as publicações de que lhe mandarem dous exemplares.

O numero 16 contera a

Legislação sobre os fóros, censos, pensões, etc. etc. desde a sua extincção em 1832 até 1846

Decreto de 13 de agosto de 1862 sobre registo de minas.

Portaria de 19 de agosto, dando diversos esclarecimentos aos arrematantes de bens ecclesiasticos sobre rendas vencidas e vencendas,

Portaria de 11 de outubro que regula as habilitações para escriptão de fazenda.

Decreto de 22 de outubro sobre provimento dos officaes de justiça.

BIBLIOTHECA DAS DAMAS.

Tendo estado interrompida a publicação da «Bibliotheca», vai no proximo jan.º começar a publicar-se com regularidade, distribuindo-se um ou dous numeros por mez. O preço é diminutissimo, porque, constando cada numero de 32 folhas ou mais de impressão em 8.º, apenas custa 420 reis, pagos no acto da entrega sendo no Porto. Para as provincias não se tomam assignaturas por menos de 12 numeros, e accresce o preço das estampilhas, calculado a 30 reis cada numero, vindo a ser 15800 reis por cada 12 numero, sendo estes remittidos francos de porte, e bem acondicionados. Os pedidos das provincias, tanto para assignaturas como para os romances já publicados, devem ser dirigidos em carta franca — A José Lourenço de Sousa — Porto — Rua do Bomjardim n.º 69 — Os novos assignantes da «Bibliotheca» têm direito aos romances já publicados, pelo preço da assignatura.

CATALOGO DOS ROMANCES JA' PUBLICADOS NA BIBLIOTHECA DAS DAMAS

	PARA ASSIGNANTES	AVULSO
A Cabana do Pae Thomaz (4 vol)	480	800
O Escravo Branco (4 vol)	480	800
O Aventureiro ou Barba Azul (3 vol)	360	600
O Pedreiro	240	400
A Moreninha e Amelia (2 vol)	240	400
Kossuth ou os Hungaros (3 vol)	360	600
A Marqueza de Caniba (2 vol)	240	400
Os Filhos d'Amor (2 vol)	240	400
A Bruxa de Madrid (9 vol)	15080	15800
As Duas Estrellas (2 vol)	240	400
A Assucena d'Israel (3 vol)	360	600
Fé, esperanza e Caridade (12 vol)	15440	25400
O Cavalheiro de Pampelona (6 vol)	720	15200
O Moço Louro (4 vol)	480	800
O Amor d'uma Menina (1 vol)	120	200
O Chale Preto (1 vol)	120	200
A Rosa de Castro (1 vol)	120	200
A Pomba (1 vol) (vai-se reimprimir)	120	200
O Sceptro e o Punhal (1 vol) (vai-se reimprimir)	120	200
Os Giganos da Regencia (15 vol)	25000	35000
Memorias d'Além da Campa (15 vol, publicados)	25000	35000

ANNUNCIOS.

Quem pretender comprar as casas numero 5, na rua de Santa Maria, pertencentes a D. Margarida Carolina de Castro, da villa de Melgaço, falle com Antonio José Vieira de Faria, da casa da Bornaria, de S. Pedro d'Azorem, que tem poderes para contratar sua venda, e dar todos os esclarecimentos precisos. (8)

Antonio José de Meira, thesoureiro da Confraria do Santissimo Sacramento da freguezia de S. Pedro Fins de Gominhões, tem a dar a juro, da mesma confraria, a quantia de trezentos quatro mil e vinte e um réis, a quem prestar as devidas seguranças. (13)

HA para dar a juro da lei a quantia de réis 5515296. Quem o pretender dirija seu requerimento ao juiz e mesarios da Irmandade das Almas, da freguezia de St.ª Marinha da Costa. (10)

QUEM quizer comprar um carroção com lugar para seis pessoas falle com Antonio Vieira, em casa de Thaden, gradeiro, na rua de Santa Luzia, o qual dirá quem o vende. (11)

Os Mezarios da Irmandade das Almas da egreja de S. Paio d'esta cidade participam, que os rapiques feitos para anjinhos na torre d'aquella egreja são a 240 réis cada um. Para o toque dos mesmos podem dirigir-se ao servo da dita irmandade. (12)

A Meza da Santa Casa da Misericordia, d'esta cidade, faz saber que se acham vagas duas capellarias do côro da mesma Santa Casa, e convida todos os reverendos ecclesiasticos que pretendam as mesmas capellarias, para apresentarem os seus requerimentos dentro de vinte dias a contar da data d'este, a fim de se deferir ao seu provimento. (13)

PREÇO DA ASSIGNATURA: — Por uma serie ou 50 numeros 15200 rs. — com estampilla 15450 rs. — Por 25 numeros 600 rs. — com estampilla 725 rs. — Folha avulsa 40 rs. — Annuncios por linha 30 rs. — repetição 20 rs. — Correspondencias de interesse particular 30 rs. por linha. — As publicações litterarias serão annunciadas, sendo enviados a esta redacção dois exemplares.
Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte ao administrador José Antonio de Faria e Silva.